

GLIAN AMATO  
Especial para O GLOBO

Intenso como os cravos sobre as roupas cinzentas de 1974, o vermelho de um sinal fechado salvou Rita da prisão. A então estudante de 21 anos combatia na clandestinidade a ditadura em Portugal e achava que era seguida nas ruas de Lisboa pela temida e violenta Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), adepta da tortura, que aniquilou ou quase matou alguns de seus camaradas. Ela conta que teve a sorte de parar em um semáforo, abrir a porta e fugir para o carro ao lado, dirigido por um amigo de infância.

Era assim, carregado, o clima em Portugal antes do 25 de abril de 1974, data da Revolução dos Cravos, que completa 50 anos amanhã. O fim da ditadura de 48 anos (1926-1974), a mais longa da Europa, trouxe liberdade e comparou como a democracia melhorou os índices de um país considerado atrasado e pobre, como revelou hoje o banco de dados Pordata, num estudo inédito.

Em 1970, um em cada quatro portugueses (25,6%) era analfabeto. Em 2021, a taxa de analfabetismo caiu para 3,1%. Cerca de 68% das casas não tinham chuveiro, 53% não tinham água canalizada e 42% não tinham saneamento básico, números que se inverteram quase totalmente, mostra o Pordata.

#### 'TURISMO VERMELHO'

Segundo um trecho do livro "A Revolução Gentil", que será lançado em maio pelo escritor Ricardo Viêl, mais de um terço da população vivia sem luz elétrica. Havia cerca de 30 mil presos políticos e entre 7 a 10 mil livros censurados. Só em Lisboa, 90 mil pessoas (mais de 10% da população) viviam em cerca de 18,5 mil casas. Eram os "bairros de lata", ou simplesmente favelas.

Ali viviam milhares de mulheres, relegadas à ditadura ao papel de submissas ao homem por imposição de um código civil do século XIX. Elas e seus filhos foram os primeiros a ocupar casas depois da democracia e a entrada dos homens foi permitida. Foi também quando elas enfim ganharam direito ao voto.

—O homem era o chefe e a mulher lhe devia obediência. Isso desapareceu com o 25 de Abril. Mulheres que viviam nas favelas foram com seus fi-



## Em 50 anos, Portugal passou de país atrasado para se tornar referência

Pesquisa revela que analfabetismo caiu de 25,6% para 3,1%, e índices sociais melhoraram significativamente após Revolução dos Cravos

#### CINCO DÉCADAS DE MUDANÇAS SOCIAIS

Revolução dos Cravos fez Portugal avançar em indicadores historicamente ruins

##### O cenário pré-1974



Fontes: Pordata e "A revolução gentil", de Ricardo Viêl

cia Márquez, o francês Jean-Paul Sartre e o alemão Heinrich Böll, vencedores do Prêmio Nobel de literatura. E também Sebastião Salgado, Simone de Beauvoir e outros renomados escritores, jornalistas, fotógrafos e cineastas.

—Foi a época do 'turismo vermelho'. Havia voos fretados da Europa em rota contínua. Lembro que passei a atuar como um guia informal, não formada, porque sabia falar outros idiomas. O que eu fazia como Rita, na clandestini-

de, passei a fazer em liberdade, ao ar livre — conta.

Hoje, Portugal respira os 50 anos do 25 de Abril, o que traz à tona o debate em torno da criação de uma rota turística oficial sobre a Revolução dos Cravos para preservar e promover locais históricos.

—A revolução é pouco explorada em termos turísticos. Se em 1974 muita gente veio conhecer o país que tinha derubado uma ditadura com uma revolução pacífica, hoje pouco se fala disso para os milhões de turistas que todo ano visitam Lisboa — lamenta Viêl.

—As iniciativas do poder público são tímidas e malfeitas. Desafio qualquer pessoa a ir à Praça do Comércio e achar alguma referência, uma placa ou busto, sobre o que aconteceu lá no dia 25 de Abril de 1974. Visitar o quartel da PIDE, onde foi o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, é fazer uma viagem no tempo (e nem to-

das são boas). Tudo o que está lá parece que foi feito nos anos 1980 e nunca mais foi tocado.

#### ULTRADIREITA EM ALTA

Para a historiadora, uma rota dos Cravos seria também uma maneira de rebater o saudosismo fascista que tem ocupado as ruas e redes sociais. Principalmente com grupos organizados para idolatrar a figura do ditador António de Oliveira Salazar, que ingressou no governo em 1928, criou o Estado Novo, em 1933, e comandou o país com mão de ferro até morrer, em 1970.

—Mesmo com dados que provam como a democracia só fez bem, há quem defenda que na ditadura de Salazar é que era bom. É reflexo de um processo que começou com as eleições de Donald Trump e Jair Bolsonaro e librou a pesquisa da vergonha que tinham de dizer o que pensavam. Em Portugal culminou no partido Chega — diz Pimentel, que também faz um alerta para o simbolismo de ter 50 deputados da ultradireita eleitos para o Parlamento justamente nos 50 anos da retomada da democracia. —O Parlamento é a principal instituição da democracia e a vontade deles é destruir a democracia.

Uma pesquisa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e do Instituto Universitário de Lisboa para o semanário "Expresso" e para a rede SIC revelou que 25% dos simpatizantes do Chega dizem que Portugal está pior do que na ditadura. Embora a maioria das pessoas ouvidas acredite que a vida esteja melhor, também consideram que a criminalidade e a corrupção pioraram. Outro alerta da pesquisa: 34% preferem ter um líder forte e alçado ao poder sem eleições democráticas.

Em um jantar oferecido ontem em Lisboa a jornalistas estrangeiros, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa afirmou que a transição pacífica do 25 de Abril é um orgulho. E ressaltou que a população percebe os benefícios que a democracia trouxe.

—Neste momento, apesar de ainda existirem dois milhões na pobreza, das desigualdades e da falta de coesão territorial, os portugueses sentem que estão vivendo um momento sem sobresaltos econômicos. As ajudas do governo acomodaram a situação social e a sensação é de razoável estabilidade política.

## Promotores pedem punição de Trump por desacato

Repblicano é acusado de violar ordem de silêncio 11 vezes em caso relacionado a escândalo sexual com ex-atriz pornô

O ex-presidente dos EUA Donald Trump retornou ontem ao tribunal de Nova York para o segundo dia da fase oral de seu julgamento criminal por suposta fraude contábil. Antes das testemunhas serem chamadas, porém, os promotores tentaram convencer o juiz do caso, Juan Manuel Merchan, a considerar o republicano culpado por violar uma ordem de silêncio. Na prática, a determinação visava proibir que o magnata atacasse testemunhas, promotores, jurados e funcionários do tribunal, bem como seus parentes. Trump, no entanto, é acusado de ter violado a ordem 11 vezes.

A audiência terminou ontem sem uma decisão. Como não há um prazo estabelecido,

no entanto, Merchan pode emitir uma decisão por escrito a qualquer momento. Não há sessão hoje, mas o julgamento será retomado amanhã.

O caso tem como pano de fundo os esforços de Trump para encobrir um escândalo sexual: ele teria subornado a ex-atriz pornô Stormy Daniels para que ela não comentasse sobre uma relação extraconjugal, ocorrida no passado, na véspera da eleição presidencial de 2016, da qual saiu vitorioso. Se condenado, Trump poderá receber uma pena de até quatro anos de prisão.

#### ANONIMATO AO JÚRI

Em 15 de abril, no primeiro dia do julgamento, a Promotoria solicitou a aplicação de multa de US\$ 3 mil dólares (R\$ 15,4 mil) pelas palavras utilizadas contra Daniels e o



Audiência. Donald Trump gestou enquanto segue em direção ao Tribunal Criminal de Manhattan, em Nova York

ex-advogado do republicano Michel Cohen, que testemunhara contra ele — Trump os chamou de "salafos" em uma publicação. Depois, a Promotoria denunciou que o bilionário fez outras sete postagens sobre o caso.

Em uma delas, o republicano endossou as declarações de Jesse Watters, comentarista do canal conservador Fox News, que alegou, sem provas, que "ativistas progressistas infiltrados que mentem ao juiz" estavam sendo selecionados para compor o júri que definirá a sentença. No dia seguinte à publicação, uma candidatura ao júri desistiu por medo de ser reconhecida. Para evitar intimidações e assédio, o juiz decretou o anonimato dos 12 jurados e dos seis su-

plentes, que respondem apenas por um número.

Trump considera que as proibições são um ataque contra sua liberdade de campanha eleitoral e as classifica como injustas. Para punir um eventual desacato, Merchan poderá determinar multas, além de pena de prisão de até 30 dias.

#### 'PEGAR E MATAR'

Também ontem, David Pecker, ex-editor-chefe do tabloide americano National Enquirer que concordou em trabalhar com Cohen para suprimir histórias que poderiam prejudicar a campanha eleitoral do republicano, forneceu um depoimento crucial sobre uma reunião de 2015 com Trump, seu ex-advogado e sua assistente pessoal, Hope Hicks. Os promotores buscaram, com o depoimento, demonstrar que Trump e Cohen recorriam habitualmente à prática jornalística chamada "pegar e matar", para evitar notícias prejudiciais às aspirações eleitorais do magnata.

Com AFP e NYT